

Tenente Camargo: um herói do Estado militarizado

Ronaldo Zatta, UPF
ronaldozatta@yahoo.com.br

1. Considerações Iniciais

Em março de 1965 quando iria completar um ano de Ditadura militar instaurada no Brasil, deu início no Estado do Rio Grande do Sul uma tentativa fracassada de contragolpe em nosso país, comandada pelo ex-coronel de artilharia do Exército Jefferson Cardim de Osório tendo como seu principal assessor Albery Vieira dos Santos, ex-sargento da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul.¹ Vinda do Uruguai a guerrilha tentou dominar algumas cidades gaúchas.

Existe a versão de que o ex-sargento Albery, um dos exilados mais corajosos e radicais, procurou Brizola solicitando dinheiro para realizar a incursão armada e este não forneceu.² Encontrando-se depois com Jefferson Cardim nasceu o movimento. Cardim era parente remoto de Castelo Branco e ligado ao PCB, veterano militante de esquerda, despertava ódio aos militares do Exército, por quebrar a ética militar em casar-se com a mulher de um companheiro e depois se amasiar com sua enteada.³

Com rapidez os dois começaram a se articular, mesmo sem apoio de Brizola conseguiram juntar mil dólares, três fuzis tchecos semi-automáticos e alguns revólveres. Arrumaram um caminhão e com vinte e três homens entraram no Brasil no dia 19 de março de 1965.⁴ Com tal efetivo, em sua maioria reunida em território gaúcho, surgiram as FALN - Forças Armadas de Libertação Nacional.⁵

As FALN dominaram algumas unidades da Brigada Militar gaúcha, recolhendo armas e munições destes quartéis e fazendo breves proclamações revolucionárias pela rádio local.⁶ O grupo então se dirigiu para o sudoeste do Estado do Paraná onde seus integrantes acabaram sendo aprisionados, pela Organização Militar que viria a ser a “Sentinela do Sudoeste”, a 1ª Companhia de Infantaria de Francisco Beltrão, e encaminhados ao 1º Batalhão de Fronteira localizado em Foz do Iguaçu.

Foi no dia 27 de março de 1965 por volta das 11 horas na região de Santa Lúcia, Município

¹ MITCHELL, José. **Segredos à direita e à esquerda na ditadura militar**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007, p. 51.

² SILVA, José Wilson. **O tenente vermelho**. Porto Alegre: Tchê! Editores, 1987, p. 189.

³ ARAÚJO, Maria Celina de, CASTRO, Celso, orgs, *Ernesto Geisel*, Editora FGV, RJ, 1997, p. 124.

⁴ GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 192.

⁵ USTRA, Carlos Alberto Brillante. **A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça**. Brasília: Editora Ser. 2006, p. 139 e 140.

⁶ MITCHELL, José. **Segredos à direita e à esquerda na ditadura militar**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007, p. 51.

de Capitão Leônidas Marques que ao pressentir a aproximação das tropas do Exército, vindos de Francisco Beltrão, o grupo guerrilheiro realizou uma emboscada.⁷

Esta ação guerrilheira produziu uma vítima fatal que mais tarde também se transformaria em ‘herói’: o 3º sargento Carlos de Argemiro Camargo, que servia na Companhia de Infantaria de Francisco Beltrão, o qual foi alvejado por tiros várias vezes ao desembarcar da viatura.⁸

Orientado pelos estudos de “*memória*” no que segue, será dada ênfase a investigação de como se deu a construção deste ‘herói’, a sua institucionalização que serviu para legitimar e condicionar uma memória política na região em prol dos interesses do governo militar no conturbado momento político em que vivia a nação.

2. Morre um soldado, nasce um ‘herói’...

O sargento Carlos de Argemiro Camargo, é filho de Rômulo Camargo e Leontina Rodrigues, nasceu em Ponta Grossa, no Estado do Paraná em 15 de abril de 1938, incorporando as fileiras do Exército no dia 20 de junho de 1957, no então 13º Regimento de Infantaria com sede na cidade de Ponta Grossa. No dia 17 de dezembro do mesmo ano concluiu o Curso de Formação de Graduados, sendo promovido à graduação de cabo na mesma data.

No dia 22 de agosto de 1959 deslocou-se de Ponta Grossa para o então conturbado sudoeste do Paraná vindo acantonar na cidade Francisco Beltrão com a 1ª Companhia do 13º Regimento de Infantaria, hoje o 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. Em 31 de março de 1960 foi promovido à graduação de 3º Sargento e seu comportamento militar era classificado como “ÓTIMO”. Vindo a falecer no dia 27 de março de 1965 durante as operações de contraguerrilha que visavam abafar o movimento liderado pelo ex-coronel de Artilharia do Exército Jefferson Cardim de Alencar Osório, sendo promovido Post-Mortem ao posto de 2º tenente.

3. A construção ideológica de um herói regional

Ao dissertar sobre “*memória e identidade*”, Tedesco expõe que através do acúmulo de lembranças é que a memória constrói valores e idéias que irão moldar a personalidade de uma pessoa, e que neste seguimento, que a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social. Neste sentido se percebeu que cada vez mais os elementos “mediadores de memória”, individual ou coletiva, política de lembrança e de esquecimento servem

⁷Relatório do Tenente Lemos - Transcrito no Livro Histórico da 3ª Companhia do 33º Batalhão de Infantaria de Francisco Beltrão – PR, do Livro de Memórias do Tenente Camargo que se encontra no Museu Militar Tenente Camargo nas dependências do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado na cidade de Francisco Beltrão-PR.

⁸ AUGUSTO, Agnaldo Del Nero. **A grande mentira**. Rio de Janeiro: Bibliex Ed. 2002, p. 169.

de suporte para a organização e formação de cultura, identidade social, tradição e materialização de formas simbólicas de vidas cotidianas, e subsequentemente os fatos históricos.⁹

Lembrando ainda que a lembrança do indivíduo se forma com o contanto com outros, no âmbito de relações formais ou informais mediante comunicações lingüísticas ou culturais diversificadas.¹⁰ Todas as sociedades ao longo do tempo construíram para si um elaborado sistema de representações e idéias coletivas e através destas, construíram sua identidade. Tal sistema acaba por articular todo um complexo imaginário social, que inclui: uma visão de si mesmas sobre o passado, a construção de personagens símbolos com a atribuição de valores a estes, características e hábitos delimitados por uma determinada região.

Pode ser compreendida como uma expressão deste desenvolvimento o estudo da construção do ‘herói’ regional sargento Camargo no Sudoeste paranaense, sendo exemplificado como um elemento mediador de memória, originário de um drama histórico que contribuiu maçadamente na formação da identidade social e política da região. Neste contexto de raciocínio, o estudo de memórias individuais e coletivas pode ser uma chave para compreender grupos sociais e os indivíduos que os integram, produzindo e transmitindo narrativas sobre sua história e de espaços vividos.¹¹

Com a morte em campanha nas operações de contraguerrilha no ano de 1965, o sargento Camargo se tornou símbolo da luta política de seu tempo. É praticamente impossível analisar sua construção como ‘herói’ e não ligar com a conjuntura política nacional daqueles tempos.

Sendo que “a invenção cultural não se dá num terreno absolutamente livre e sim num campo de possibilidades histórica e culturalmente limitado”¹² (CASTRO, 2002, p. 11), através do personagem militar simbolizado fora recriada uma atitude política considerada apropriada para o cidadão da região no período supracitado.

Suas homenagens fora a ritualização simbólica que expressavam o pertencimento das tropas e da população sudoestina vinculadas a valores profundos de identidade nacional e postura política no momento conturbado que vivia a nação. Tedesco nos ensina que ao se institucionalizar a memória de um grupo demonstra interesses e reconhecimento para que esta se torne a memória oficial do mesmo, e que

[...] a experiência individual pertence a um grupo. Noções de reconhecimento,

⁹ TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF Editora, 2004, p. 28.

¹⁰ FÉLIX, Loiva Otero. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 93-94.

¹¹ ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 92.

¹² CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 11.

testemunho, lembranças intercambiadas, membro/pertencimento, engajamento, unidade interna da consciência, representações coletivas e influência social são fundamentais para a compreensão do olhar externo da memória [...].¹³

4.1 A institucionalização do ‘herói’

O sargento Camargo virou uma “representação coletiva”, primeiramente entre a tropa e mais tarde na sociedade regional, uma imagem do passado que moldou consciências não mais do indivíduo, mas do social. Pois as representações coletivas “[...] funcionam como elemento de correspondência entre a experiência do indivíduo e a dos grupos; constituem a esfera de confluência dos valores, das crenças, dos modelos de comportamento [...]”. (TEDESCO, 2004, p. 156)

Neste contexto o Exército Brasileiro promoveu e oficializou através de seus atos o que neste estudo denominamos de institucionalização do ‘herói’ regional. Pois a memória coletiva pode assumir uma aparência ou caráter institucionalizado, representando-se na prática de cultos em níveis comunicativos, pois sua função principal é fortalecer a coesão do grupo garantindo a sua identidade.

Logo depois da prisão dos guerrilheiros na região de Capitão Leônidas Marques, soldados da 1ª Companhia de Francisco Beltrão sob o comando do tenente Sávio ficaram responsáveis pela escolta destes até o quartel de Foz do Iguaçu, o 1º Batalhão de Fronteira. Então ao chegarem logo foram agraciados pelos oficiais-generais, principalmente pelo general Justino Alves Bastos¹⁴, o qual comandou pessoalmente as operações finais de apresamento do chefe do grupo de guerrilheiros no Sudoeste paranaense.

Justino Alves Basto pronunciou um pequeno discurso em elogio à tropa ainda no aeroporto, e fez uma referência especial ao sargento Camargo, dizendo que “infelizmente a Pátria exige este sacrifício”, acrescentando: “Assim como foi o sargento Camargo, poderia ter sido qualquer outro soldado ou este que vos fala, o sacrificado no cumprimento do dever”.¹⁵

O discurso do general por si só já fez incorporar identificações ressignificadas no sentido coletivo entre seus homens, motivados imensamente pela dimensão emocional oriundas do sentimento de perda de um companheiro. Certamente isso fortaleceu o sentido de corpus e identidade coletiva entre a tropa.

O Relatório do tenente Juvêncio descreve da seguinte maneira o encontro com o corpo desfalecido do ‘herói’ e seu transporte até Francisco Beltrão. “Por este tempo alguém encontrou o corpo do Sgt Camargo, já morto. Não quis olhar o corpo. Dei ordem ao Sgt Ricieri para retornar

¹³ TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF Editora, 2004, p. 50.

¹⁴O general Justino Alves Basto também coordenou as movimentações para neutralizar as Ligas Camponesas em 1955 lideradas pelo ex - deputado pernambucano Francisco Julião Arruda de Paula.

¹⁵Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

com o corpo para Francisco Beltrão”¹⁶ o que mais tarde foi confirmado pelo próprio sargento Ricieri em seu Relatório de Operações¹⁷.

A população beltronense compareceu maciçamente do sepultamento do sargento Camargo¹⁸, sendo acompanhado através da imprensa nacional. A população civil prestou todo apoio moral e material ao sepultamento, Camargo além de militar era professor de voleibol em estabelecimento de ensino católico, conhecido como Colégio das Irmãs, hoje Colégio Nossa Senhora da Glória.

A cerimônia no cemitério municipal foi oficializada pelo capelão Frei José Maria e tiveram como expectadores o prefeito municipal Antonio de Paiva Cantelmo, o tenente Ubirajara Vieira das Neves demais autoridades civis e militares sediadas no município e na região.

Na mesma semana do sepultamento, duas coroas de flores foram colocadas na sepultura¹⁹ em nome da 5ª RM e da Força Aérea, caracterizando a última homenagem ao sargento Camargo. Tais coroas foram postadas pelo general Álvares Tavares Carmo, Comandante da 5ª Região Militar e o brigadeiro Artur Carlos Peralta, Comandante da Escola de Oficiais Especialistas e de Infantaria de Guarda da Aeronáutica.

Estes oficiais-generais além de expressarem a homenagem das Forças Armadas à família do militar falecido, em formatura geral dentro do aquartelamento de Francisco Beltrão falaram à tropa que participou da campanha contra os guerrilheiros.

Ao se dirigir as componentes da companhia de Francisco Beltrão, o Comandante da 5ª Região Militar pronunciou que estava ali para conhecer aqueles que tomaram parte das Operações, os quais “desbarataram o bando de subversivos” e que a 5ª RM encontrava-se orgulhosa da maneira como foi conduzida aquela situação por seus comandantes. Ao finalizar sua oração declarou que

[...] vocês, oficiais, sargentos, cabos e soldados, são o orgulho da 5ª RM, do III Exército e do Exército Nacional e da própria Pátria Brasileira. E o Sargento Camargo, que tombou na defesa de sua Pátria, será para nós todos, o símbolo da 5ª RM do soldado que cai no cumprimento do dever.²⁰

Em seguida o general Álvares dirigiu-se para a sala de reunião da unidade militar, onde os

¹⁶Relatório das Operações do 1º tenente Juvêncio Saldanha Lemos comandante do 1º Pelotão de Infantaria o qual estava o Sargento Camargo. Lemos estava a um mês na Subunidade de Francisco Beltrão, tinha vindo do Canal de Suez onde se encontrava como integrante da Força de Paz, a primeira Missão de Paz do Exército Brasileiro.

¹⁷Relatório das Operações do 2º sargento Ricieri Franzon comandante do 2º Pelotão de Infantaria.

¹⁸Conforme Foto 54, ao fundo se percebe a presença maciça de populares.

¹⁹Na figura 36 retrata que o tenente Camargo fora enterrado em cova, seu túmulo foi construído somente no ano de 1967.

²⁰Relatório do pronunciamento do general Álvares Tavares Carmo, Comandante da 5ª RM ao pronunciar-se a tropa no quartel de Francisco Beltrão-PR. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

tenentes Sávio e Lemos que comandaram os pelotões que prenderam os guerrilheiros fizeram um completo relato das operações que culminaram com o desbaratamento total da guerrilha pré-matura iniciada no Uruguai.

Porém a simples presença de tais autoridades na região significava muito mais naquele momento conturbado, era a presença do Estado militarizado preocupado com a situação nacional.

Por determinação do excelentíssimo senhor Ministro da Guerra, o general Artur da Costa e Silva, o 3º sargento Carlos Argemiro de Camargo, qualificado como infante-fuzileiro recebeu a promoção Post-Mortem para a graduação de 2º tenente, bem como o processo de concessão da “Medalha Pacificador com Palma”.²¹ Por este motivo a partir de agora o ‘herói’ regional será tratado neste trabalho como tenente Camargo, pois foi assim que ficara conhecido através de suas homenagens após seu falecimento.

O Ministro da Guerra também ordenou que em todas as organizações militares do país fosse realizada a missa de 7º dia em homenagem ao tenente Camargo. Na cidade do Rio de Janeiro, o I Exército por intermédio do general Octacílio Terra Uruguai convocou o povo carioca em geral e autoridades civis e militares com sede no Rio para comparecerem a solenidade religiosa em homenagem ao tenente Camargo que ocorreu às 12 horas do dia 02 de abril na Igreja Cruz dos Militares.²²

Na missa de 7º dia que ocorreu na cidade de Francisco Beltrão foi lida a seguinte mensagem que pode ser compreendida como uma liturgia política:

Ao saber dos acontecimentos que se multiplicavam incessantemente, no correr dos dias em direção ao futuro, os fatos vão devagar e perdendo os contornos e lentamente se integram no passado sem memória. Mas há os que viveram os fatos, e os que participaram do seu calor, de sua palpitação de vida e de presença, não esquecem tão cedo o que passou, hoje será a missa de 7º dia pela alma do sargento carlos argemiro camargo, promovido póstumamente ao posto de 2º Tenente, há sete dias, ele tombou, primeira vítima de um bando de alucinados. É assim que começa, é assim que termina. A foto foi colhida no cemitério de Francisco Beltrão. Um soldado ora diante do túmulo que não se esquece, e, sob a cruz, mantém erguido o seu fuzil.²³

Herói, assim o general Itiberê Gouvêa do Amaral se referiu ao tenente Camargo ao ser o porta voz da Instituição Militar ao explicar o caso a imprensa. Disse ainda em tom ameaçador que os “bandoleiros comunistas” do coronel Cardim acertariam contas com a Justiça Militar pela morte

²¹Art. 2º do Decreto 4.207, a Medalha do Pacificador com Palma é concedida pelo Comandante do Exército aos militares e civis brasileiros que, em tempo de paz, no exercício de suas funções ou no cumprimento de missões de caráter militar, tenham se distinguido por atos pessoais de abnegação, coragem e bravura, com risco de vida.

²²Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

²³Leitura da Missa de 7º dia do falecimento do sargento Argemiro Camargo. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

ocorrida.

Todo povo tem sempre seus mártires. No momento da sua morte, o saudoso sargento Camargo entrou para o Pantheon dos heróis do Brasil, vítima dos comunistas. Mas, o exemplo do sargento Camargo produzirá frutos e permaneceremos como sempre estivemos prontos para darmos aos comunistas a guerra sem tréguas que é necessária em todos os momentos.²⁴

Nota-se perfeitamente no discurso dos oficiais-generais, nas ações do Ministro da Guerra o general Artur da Costa e Silva e na homenagem na missa de sétimo dia, a intenção da caserna de que o episódio não caísse no esquecimento e conseqüentemente perdesse no passado.

Estes são indícios de que estava para surgir uma “memória coletiva”, ancorada e fundamentada na morte de um militar que em breve viria a ser o herói regional. E num contexto político onde o Estado militarizado detinha a manipulação e controle dos meios de comunicação, esta ação ficou facilitada. O Exército se encarregou de ser o agente na operação da memória coletiva na região, transformando o tenente Camargo no herói regional contra os inimigos da pátria.

O tenente Camargo reunia condições que poderíamos considerar o herói politicamente correto, militar de comportamento ótimo dentro do quartelamento, casado, religioso, bem visto e quisto perante a sociedade civil e sem militância política. Pois dentro da reestruturação da Academia Militar das Agulhas Negras elaborada na década de 1940 por José Pessoa, a política deveria ser deixada de lado pelos militares – pois divide – enquanto a disciplina deveria ser enfatizada – pois une.²⁵

Considerações Finais

Creio que o objetivo principal ou meta ser alcançada pela institucionalização do 'herói' regional era a afirmação do Governo Militar perante os civis, enquanto dentro da caserna via se a possibilidade de aumentar a coesão, o espírito de corpo e a unidade interna. Evitando assim o surgimento de novos lamarcas, ou seja, evitar a indisciplina e a atuação partidária de militares. Pois pela memória coletiva, o lugar recebe a marca do grupo e o grupo recebe a marca do lugar.

²⁴Discurso do general Itiberê Gouvêa do Amaral para a imprensa nacional. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

²⁵ CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 41 e 42.